

pultados já dias antes e separadamente pôde servir de fundo a um bom beneficio), impugnou com requerimentos o actual vigario José Caetano Ferreira de Aguiar a divisão, que o privava de tanto bem. Pelo motivo referido esteve suspensa a desunião do territorio e consequentemente a posse do novo parcho, assim como o exercicio da nova freguezia, até que, por ordem de 6 de Agosto de 1816, foram designados novos limites, ficando no districto de Sancta Rita toda a marinha desde quasi o fim da rua do Vallongo até o Sacco da Gambôa, em cujo meio fica o SUSPIRADO E INTERESSANTE CEMETERIO.

O vigario Aguiar era homem práctico da vida e de influencia. Foi mais tarde senador do Imperio. Falleceu em 1836 e tem o retrato na galeria dos benfeitores da Misericordia. Era um velhinho de semblante sympathico e de olhos pequenos, vivos e penetrantes!

Com relação ao cemeterio do Vallongo, ainda em 14 de Fevereiro de 1829, o intendente geral da Policia, Luiz Paulo de Araujo Bastos, pedia providencias ao Senado da Camara nos seguintes termos: «Tendo-se-me feito várias representações sôbre o damno que á saude publica resulta da existencia do Cymiterio dos negros novos, proximo ao morro da Saude, e do máo estado em que se acha o mesmo Cimiterio; fui eu mesmo áquelle lugar e admira-me que em uma Capital civilisada exista o que ally se encontra : hum pequeno terreno, que aliás está colucado no meio de muitas casas habitadas e hoje com arruamento seguido cheio todo em roda de esteiras, que de ordinario sempre recebem alguma cousa de corrupção dos Corpos n'ellas envolvidos. Covas abertas tanto á superficie do terreno que apenas hum palmo para cubrirem-se os corpos que nellas se lanção aos pares; eix o que eu mesmo torno aripitir. — V. Y.»

E sabem o que fez o Senado? *Queixou-se ao bispo* d. José Caetano da Silva Coutinho, como si este tivesse o dever de melhorar as condições do antigo cemeterio! Tal é a integra do documento impresso, no 2º volume do *Archivo Municipal*, pag. 477!

28 de Outubro de 1902.

COVAS E CATACUMBAS

Vinha de longe a propaganda scientifica contra o antigo systema de enterramentos no interior dos templos e suas dependencias.

As opiniões dos entendidos nullificavam-se ante preconceitos inveterados, usos e costumes, herdados da mãe patria.

Já em Pernambuco, Ferreira da Rosa, por occasião da primeira epidemia de febre amarella, clamava contra semelhante prática.

Mais tarde José Corrêa Picanço vertia para o nosso idioma o trabalho de Vick d'Azir, traducção por sua vez do italiano, de notavel memoria de Scipião Patroli, e publicava — *O Ensaio sobre os perigos das sepulturas dentro das cidades e nos seus contornos*, dado á estampa em 1812 na Imprensa Régia desta cidade.

Antes delle e em 1800, o illustre mineiro Vicente Coelho de Seabra Silva e Telles, dava á luz da publicidade notavel estudo, a que deu o titulo — *Memoria sobre os prejuizos causados pelas sepulturas nos templos e methodo de os prevenir*.

Os practicos consultados em 1798 pelo Senado da Camara profligavam, *una voce*, tão condemnavel abuso, afinal prohibido terminantemente pela legislação do tempo e sempre tolerado!

Com a transferencia da Côrte portugueza para o Rio de Janeiro nada mudou acêrca desta materia. Feita a independencia, e mais tarde dada nova organização ás camaras municipais, tudo continuou no condemnavel *statu quo*, apesar das patrioticas reclamações da Sociedade de Medicina, vivamente apoiadas no seio da Representação Nacional.

Nem servira de bom exemplo a fundação do primeiro cemeterio extra-muros, pertencente aos protestantes e fundado na Gambôa, por especial concessão do principe regente, mais tarde d. João VI. Ainda em 1847, em curioso opusculo José Francisco de Paula e Silva, *fiscal* da Illustrissima Camara Municipal, proclamava, na Gambôa, a necessidade da creação, além de dous pantheons: um em S. Bento e outro na Ajuda para a Familia imperial, de quatro cemeterios fóra da cidade, com as denominações de Penitencia; S. Domingos, Sancta Cruz, destinado aos homens notaveis, e o da Humildade, para os pobres e fallecidos nos hospitaes.

Em 1845 estavam de tal modo repletas as catacumbas de S. Francisco de Paula, que a respectiva Ordem Terceira teve de procurar sitio conveniente para as inhumações de seus confrades, *desideratum* que foi realizado annos depois, sendo fundado o actual cemeterio de Catumbi, em o qual, por ordem do Govêrno, foram sepultados, em 1850, 2.945 cadaveres de individuos victimados pela epidemia de febre amarella, não pertencentes á corporação dos Minimos.

Nessa epocha, cheia de calamidades, os poderes publicos accordaram, enfim, do somno da Indifferença: promptas e energicas providencias foram tomadas prohibindo o enterramento nas egrejas.

O que foi feito, então, consta dos jornaes do tempo e de um livro — *Legislação da Empresa Funeraria* —. mandado publicar pelo provedor da Misericordia, o conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos. Nunca poderá ser exquécido o nome de José Clemente Pereira, a quem a população desta capital deve o importantissimo serviço do definitivo estabelecimento dos cemeterios extra-muros.

Seus exforços foram ainda ha pouco lembrados no Senado, pelo illustrado dr. Barata Ribeiro, quando se tractou de renovar o privilegio da empresa, que desde 1850 havia sido concedido, em boa hora, á Sancta Casa da Misericordia, a quem desde epochas remotas e por fôrça de seu Compromisso estava confiado o encargo de todo o serviço funerario.

De facto, pelo capitulo 35º da lei organica dessa veneravel e benemerita instituição, vemos que para o serviço de enterros deveria haver tres tumbas com tres bandeiras e sufficiente numero de tocheiros. Uma serviria para enterrar os pobres e pessoas ordinarias, a segunda para as pessoas de maior qualidade, a terceira para os ermãos e mais pessoas que *houverem de ser acompanhados da Irmandade*; — e todas estas tumbas terão sua coberta de velludo com uma cruz no meio de brocado, e um panno de velludo com o mesmo feitio; e crescendo o numero dos defuntos, que de ordinario se enterram na cidade, se armarão as mais tumbas que forem necessarias para que não haja falta em seus enterramentos. Tanto que se der aviso para a Casa enterrar algum defuncto, a que não haja de sair a Irmandade, se assentará a hora, e o Mordomo da Capella mandará pôr as cousas em ordem.

Deante irá um homem do serviço da Casa com sua capa azul á maneira de balandrão e levará uma campainha manual; juncto delle irá um irmão official com uma vara preta na mão, e logo irá a bandeira da Misericordia com doze tocheiros ás ilhargas, levados por homens tomados para este effeito com suas vestes pretas; depois irá um ermão nobre com sua vara preta, em traje commum, com um capellão da casa com sobrepeliz; no remate irá a tumba levada por seis homens com vestes pretas do mesmo feitio que as outras, de que forem vestidos os que levarem a bandeira e tocheiros, e a tumba irá acompanhada com quatro tocheiros, levados por quatro homens vestidos da mesma maneira.

Detraz da tumba, a distancia conveniente, irá outro homem do serviço com capa de panno azul do mesmo feitio que o do da campainha, com uma caixinha na mão, pedindo para as obras da Misericordia, em voz alta; e nesta mesma fôrma irão no enterramento, dando sómente logar a bandeira e tumba aos clerigos, regulares, confrarias e pobres, que com cêra acompanharem o corpo do defunto.

Si o fallecido pertencia a várias confrarias, o prestito tomava o aspecto de uma verdadeira procissão, despertando a curiosidade dos viajantes, que por vezes visitaram o Rio de Janeiro.

Faziam parte do cortejo as célebres carpideiras, que mediante pequena retribuição derramavam verdadeiras lagrimas de crocilo atroando os ares com suspiros e ais.

Illustre amigo nosso disse-nos ter conhecido no Maranhão uma mulata velha, a Angelica Piranhas, a qual em verdes annos exercera esse *abnegado emprêgo!* Quando se tractava do enterramento de ermão da Misericordia o ceremonial era mais complicado: comparecia a corporação com o provedor e Mesas. As minuciosidades, quanto ao prestito, vêm detidamente explicadas nos paragraphos 4º, 5º, 6º, 7º e 8º do supracitado capitulo. Não as mencionaremos para poupar espaço. Demais vêm ellas mencionadas em longo artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 12 de Septembro do anno corrente pelo dr. Pires de Almeida. Quanto ao entêrro dos escravos já apresentamos alguns aponctamentos nesta folha, em dias da semana passada.

Com referencia á procissão dos ossos que se realizava na tarde de 1º de Novembro, já ha tempos algo dissemos, — o que nos permite não voltar ao assumpto.

Compulsando velhos livros do archivo da Misericordia, sobretudo os de testamentos, vemos que, por excesso de humildade, individuos ricos de fortuna pediam para ser levados á sepultura na tumba dos pobres, a qual na linguagem do tempo era conhecida por *laricha* e hoje *rabecão*; deixavam grandes quantias para celebração de missas, officios de corpo presente; estes para os pobres do hospital, aquelles para patrimonio das irmandades e confrarias, a que pertenciam, e outros para ceremonias religiosas, como Ignacio da Silva Medella, instituidor do lava-pés, para os presos da Cadeia, para as orphãs e enjeitados.

Ninguem dispunha para que lhe fôsem levantados tumulos, e d'ahi a nossa pobreza em relação a monumentos de arte !

A dous typos unicos podemos reduzir as sepulturas das nossas antigas egrejas; as covas, e mais tarde, as catacumbas.

As primeiras eram cavadas no sólo dos templos e capellas, separadas ou não por meios fios de pedra. Ainda hoje podem ser apreciadas no corpo principal da igreja do Convento de Sancto Antonio, cobertas por tampos de madeira, competentemente numeradas. As catacumbas vieram, mais tarde; consistiram em verdadeiros nichos abertos em grossas paredes; nellas eram depositados os caixões e depois tapados com tijolos. Ainda hoje notamos vestigios dellas na *botica velha* da Misericordia e em uma das dependencias da igreja da Ordem Terceira da Penitencia. Em geral estas sepulturas não tinham epitaphio, a não ser por excepção; d'ahi a pobreza da nossa epigraphia tumular. Na Sé Velha do Castello e na igreja de Sancto Antonio poderão ser encontrados alguns jazigos com distichos occultos pelo assoalho, quando em epochas posteriores foram feitos trabalhos de reconstrucção.

Na igreja de S. Bento existem ainda as sepulturas de alguns benfeitores, bem como, no claustro, os jazigos dos monges, com simples dizeres. Lá está o bispo d. frei Antonio do Desterro, tendo na campa extensa inscripção.

Na de Sancto Antonio, na quadra dos religiosos, só a sepultura de Mont'Alverne tem epitaphio, e na casa do capitulo a do general Forbes. Na Capella Archiepiscopal da Conceição foram inhumados os bispos; d. frei Francisco de S. Jeronymo, d. José Justiniano Mascarenhas Castello Branco, d. José Caetano da Silva Coutinho, d. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, e em nossos dias d. Pedro Maria de Lacerda e d. João Esberard. Nos primeiros tempos as igrejas mais procuradas foram, além da Misericordia, as dos conventos de Sancto Antonio, Ordem da Penitencia, Candelaria, igreja dos Carmelitas (hoje archi-cathedral), S. Bento, São José, Sancta Luzia Rosario, sobretudo quando serviu de Sé, São Pedro, a da Ordem Terceira do Carmo e mais tarde S. Francisco de Paula, onde foram sepultados muitos dos fidalgos que acompanharam a Familia Real. Na antiga igreja do Collegio tiveram sepultura os antigos governadores Luiz Barbalho Bezerra (1644), Duarte Corrêa Vasqueanes (1650), Antonio Paes de Sande (1695), Antonio Britto Freire de Meneses (1719) e Rodrigo Cesar de Meneses (1738). No Carmo, Martim de Sá (1632) e Salvador de Britto Pereira (1651). Thomé Corrêa de Alvarenga, por pedido feito em testamento, foi enterrado juncto á porta principal da Misericordia (1675). Os restos mortaes de Gomes Freire de Andrade (1763) devem existir no Convento de Sancta Tereza em sepultura rasa juncto ao arco cruzeiro.

Sob o titulo «Necrographia» publicaram, no *Brasil Historico*, o dr. Mello Moraes e commendador José Luiz Alves extensas

listas de pessoas enterradas em Sancto Antonio e S. Francisco de Paula.

Mas porque de tantos homens notaveis em armas, virtudes, letras, artes e sciencias, os quaes falleceram no Rio de Janeiro, salvo muito diminuto número, não conhecemos os logares onde jazem seus despojos mortaes? O pequeno espaço das egrejas e capellas, a abertura das covas para dar logar a novos enterramentos explicam, até certo poncto, este aliás lamentavel facto. Sabemos, por exemplo, que o célebre Valentim foi sepultado no Rosario; mas em que logar? Onde estão os restos dêsse amigo de Luiz de Vasconcellos?

Com inauditos esforços descobriu o dr. Moreira de Azevedo o logar em que dorme o somno derradeiro o poeta mineiro Silva Alvarenga. Em S. Pedro. Onde estão, onde param seus ossos? O mesmo acontece com Diniz da Cruz e Silva. Sabemos vagamente ter tido sepultura na capella dos Capuchinhos italianos ou Barbonos no logar do actual quartel da Brigada Policial, rua Evaristo da Veiga.

Só por um acaso providencial se conservou a sepultura de Estacio de Sá na igreja de S. Sebastião do Castello, sepultura guardada pelos Capuchinhos e objecto (1862-63) de cuidados do Instituto Historico e do imperador.

Quem conhece, por exemplo, o paradeiro das cinzas de Januario da Cunha Barbosa e tantos outros?

Retirados os ossos das covas e catacumbas, eram guardados em pequenas urnas de madeira, a que o povo chamava *caixinhas*, e sôbre as quaes figuravam as competentes inscripções gravadas em pequenas chapas de prata ou metal amarello. Conservadas em depositos especiaes eram d'alli retiradas e limpas para figurarem no dia da commemoração dos defuntos, em 2 de Novembro. Apesar do maior cuidado, muitas das caixinhas estragavam-se com o tempo, abriam-se pelas juntas e deixavam cair as ossadas. Estas eram pouco a pouco reunidas, e, si não havia reclamantes ou pessoas interessadas, eram lançadas em ossarios geraes ou em vallas communs.

O facto seguinte explica melhor o que levamos referido :

Anunciou-se em 1859 por parte do Convento de Sancto Antonio que, si as urnas, que alli existiam com ossos, não fôsem reclamadas dentro de tres mezes seriam inutilizadas e os ossos lançados em uma valla commum. Está isso á página 656 da *Revista do Instituto Historico*, tomo 22º.

Sabendo que alli deviam existir os restos mortaes do poeta padre Antonio Pereira de Sousa Caldas, sôbre cujo nome José Eloy Ottoni gravara duas eloquentes inscrições, uma em portuguez e outra em latim, resolveu o Instituto Historico salvar do exquecimento as cinzas de tão illustre Brasileiro, fazendo levantar á memoria do traductor dos *Psalmos* singelo mas duradouro monumento. Foi nomeada illustre commissão, da qual fazia parte como relator Joaquim Norberto de Sousa Silva. Na sessão seguinte, isto é, 15 dias depois, declarava o illustre literato, com surpresa de todos, que os restos mortaes de Caldas estavam irremediavelmente perdidos!

Em artigo exarado no tomo 8º da *Revista Popular*, e que supomos ser da lavra do mesmo Norberto, conta elle as peripecias occorridas e o seu desengano, apezar das maiores averiguações e dos bons officios do então provincial frei Antonio do Coração de Maria e Almeida. Nesse mesmo artigo narra o illustre escriptor o seguinte, que tem relação com o dia de finados e será o fêcho destas notas: «em 1849, num dos ultimos dias de Novembro percorria a cavallo a extensa, solitaria e melancholica praia de Piratininga. O sol sumia-se no oceano como um globo illuminado. O horizonte sem fim, diaphano e bello e a sublime grandeza dos penhascos da barra do Rio de Janeiro me levaram á alma a sua emanção, porque até mesmo o desengano da vaidade humana se patenteou a meus pés.

Horrivel quantidade de ossos humanos juncava aquellas areias, e sôbre elles esvoaçavam bandos de corvos. Interroguei aos pescadores, e elles me explicaram o mysterio de tão inqualificavel profanação: — todos os annos por este tempo, disseram elles, as irmandades da Côrte mandavam lançar os ossos de seus defuntos ao mar, afim de prepararem as catacumbas para a solenidade dos finados!»

A ser isto exacto, quantos illustres finados não tiveram esse triste e incrivel fim!

Mais felizes do que elles foram por certo os escravos sepultados em Sancta Rita e no Vallongo. Ao menos estes descansaram annos e annos em paz e só têm sido despertados do eterno somno, accidentalmente, pelas alavancas, picaretas e alviões dos trabalhadores da «City Improvements», da Companhia do Gaz, das Obras Publicas e ultimamente da Telephonica.

4 de Novembro de 1902.
